

Augustine e o gabinete do Dr. Charcot

Comentário sobre o filme *Augustine*, direção de Alice Winocour (França, 2012).

Ingrid Vorsatz

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora de *Antígona e a ética trágica da psicanálise* (Zahar, 2013). Livro vencedor em 2º lugar do 56º Prêmio Jabuti na categoria Psicologia e Psicanálise (2014). email: ingrid.m.vorsatz@gmail.com

Caranguejos vivos debatem-se em vão numa panela de água fervente. Sua visão provoca uma inesperada crise em Augustine, jovem criada de uma família burguesa em Paris no final do século XIX. Levada ao complexo hospitalar Pitié-Salpêtrière, é admitida no serviço do Dr. Jean-Martin Charcot (1825-1893), renomado neurologista e ocupante da cátedra de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de Paris. Também ela se convulsiona em espasmos involuntários, presa de um ardor inominável.



Assim tem início a saga de *Augustine*, de Alice Winocour (França, 2012), e do Dr. Charcot – personagens que remetem às figuras da paciente Anna O. e seu médico, o clínico vienense Josef Breuer. Corre o ano de 1885 e Charcot se dedica ao estudo do enigmático fenômeno da histeria conferindo-lhe um estatuto clínico, a despeito da fragilidade nosográfica dessa entidade aparentada à possessão demoníaca.

“La théorie, c’est bon, mais ça n’empêche pas d’exister”, afirmou Charcot em uma de suas célebres *Leçons du Mardi*, nas quais conduzia a apresentação de doentes sustentando em ato o real da experiência clínica. Formulação cujo substrato ético jamais se extinguiu na memória de certo neurologista judeu, Dr. Sigmund Freud, seu futuro aluno e fundador da psicanálise.

Charcot leva uma vida matrimonial sem sobressaltos em companhia de sua esposa, Constance. Na residência burguesa, até mesmo a criatura selvagem foi domesticada conforme o rigor que rege a vida de seu dono: a símia Zibidi já não oferece perigo. A mascote serve de advertência darwiniana aos desavisados: eis o nosso ancestral, a besta. Charcot acredita estar imune a qualquer influência que não seja ditada pelo conhecimento científico.

A chegada de Augustine ao Serviço dirigido pelo médico acarreta em um abalo sísmico no edifício da ciência. Dócil, a princípio, Augustine se apresenta como a paciente ideal: seus sintomas

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-vi/resenha/resenha-2.pdf>



atendem às exigências de demonstração requeridas pela nova teoria da histeria. Augustine encarna a volúpia de saber de que o Dr. Charcot é preso. Mas isso, justamente, ele não pode saber, pois é o que escapa às malhas da ciência: o desejo.

A paciente ideal logo torna-se a preferida, e, ao anseio de saber do mestre, a jovem responde como qualquer mulher faria quando cumulada de atenção e cuidados: oferece-lhe o seu amor. Não o amor romântico declinado segundo as convenções sociais, mas um sentimento marcado pela exaltação

do desejo sexual. Se, de início, Augustine pedia a Charcot que a curasse, agora ela quer outra coisa. Surdo, o médico a leva a mais uma apresentação, agora derradeira: aquela que decidirá pela legitimação por parte de seus pares na Academia Nacional de Medicina.

Mas uma mulher nunca está onde é esperada: Augustine, subitamente curada da paralisia motora que acometia seu braço esquerdo, entra em cena paralisando-o voluntariamente, não sem fazer o médico saber que ela já pode movê-lo. Diante da audiência composta pelos grandes doutores, a jovem encena a sua dor - não por isso menos verdadeira, como no poema -, aquela que também atende à expectativa do mestre. Mas, dessa vez, os espasmos tônico-clônicos revelam a sua verdadeira face e o sexual se desvela, revelando a um Charcot atônito a natureza crua do pedido desesperado de Augustine.

Augustine oferece ao médico o que supõe que ele quer dela. Mas ela quer mais, *encore*. A contrapartida é exigida e o encontro sexual se consoma. Charcot não pôde ver, como Freud fez depois, que o amor de transferência aponta para um mais além, que é preciso sustentar sem reciprocidade.

Supostamente liberta, Augustine deixa os muros gradeados da Salpêtrière, a paradoxalmente confortável prisão. Zibidi, a símia, por sua vez, rebela-se contra o jugo que até então lhe fora imposto, fazendo prevalecer seu caráter primitivo. A sexualidade, indomável como a natureza selvagem da criatura, dá sua lição ao criador.

Recebido em: 07/03/2014

Aprovado em: 05/10/2014